



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE ARTES - IdA

**Projetos de trabalho como prática pedagógica**  
**Origem, conceitos e aplicação em sala de aula**

Natália Pereira Rocha

Brasília - DF  
2019

# **Projetos de trabalho como prática pedagógica**

## **Origem, conceitos e aplicação em sala de aula**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Lisa Minari

Brasília - DF  
2019

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer, primeiramente, a minha mãe, que é uma das mulheres mais fortes que conheço! Obrigada pelos puxões de orelha, pelo apoio e por todo o amor!

Em segundo um obrigada ao meu pai, que me apresentou a arte, em suas mais diversas formas, e é minha grande referência de vida, por ser artista, por ser quem é.

Um agradecimento especial para minhas irmãs, Bruna, por ter uma responsabilidade invejável e personalidade admirável. E a Sofia, que preencheu meu coração com sua luz e sua força.

Obrigada às minhas avós, por todo carinho e preocupação.

Obrigada a minha família, vocês são a melhor base de amor que alguém poderia ter.

Agradeço a meus amigos, cada um que escolhi para fazer parte da minha vida, amo vocês!

Obrigada ao Luiz, Ceará, que é meu amigo e companheiro, ainda vamos crescer muito juntos.

Por fim, um obrigada especial às professoras Lisa e Capi, que me ajudaram nesse processo final mesmo com tantos contratemplos. E a universidade pública e de qualidade, que me proporcionou tanto conhecimento nos últimos anos!

À todos que reconhecem e virão a reconhecer a importância do professor.

# Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1. ESCOLA NOVA X ESCOLA TRADICIONAL .....</b>	<b>6</b>
<b>2. PROJETOS DE TRABALHO.....</b>	<b>8</b>
2.1 A origem dos Projetos	
2.2 Projetos não são métodos	
2.3 Fernando Hernández e os projetos de trabalho	
2.4 As avaliações nos projetos de Trabalho	
<b>3. O ESTUDO DA ARTE NESSES NOVOS PENSAMENTOS EM UM CONTEXTO NACIONAL.....</b>	<b>13</b>
<b>5. CONCLUSÕES.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>19</b>

# Introdução

Este artigo tem como objetivo principal apresentar a ideia de “Projetos de Trabalho”, conceitos e estudos de sua origem e como essa ideia passou a ser aplicado em algumas escolas como uma contraproposta à educação tradicional. Aqui cito como as mudanças ocorridas na educação e no mundo nos últimos anos deixa cada vez mais claro que a educação alternativa pode fazer diferença na vida escolar e social dos alunos.

No primeiro momento cito o início dos estudos da Escola Nova, que tem por base uma educação alternativa apontando datas e nomes dos principais precursores, e como tal movimento gerou novas pesquisas e projetos.

Em seguida, apresento os Projetos de Trabalho, ideia que surge com as necessidades de inovar o ensino. Como desenvolver tais projetos, os temas, avaliações e seus precursores, John Dewey e Fernando Hernández.

Por último, foco no estudo da arte e no que seria preciso para mudar a situação da arte-educação atual no Brasil. E concluo, não com respostas, e sim com mais perguntas, a respeito do que seria necessário para uma reestruturação da educação.

## 1. Escola Nova x Educação tradicional

A Escola Nova, ou Educação Ativa, foi um movimento internacional que surgiu como inovação aos métodos tradicionais de educação vigentes. Iniciada como um manifesto, tal escola ficou conhecida pelas mudanças que apresentava e a identidade ideológica que carregava. Tendo por base o apoio à democracia na educação, o movimento recebeu críticas de muitos pesquisadores da área que apoiavam a escola tradicional, cujo foco estava na passagem do conteúdo para o aluno por meio do professor, que, em sala, tem o papel de detentor do saber.

Isso significa que, nesse tipo de ensino, observa-se uma hierarquia em sala de aula. Para alguns professores e pedagogos, essa hierarquia não deveria existir, já que impossibilita o aluno de exercer uma autonomia, nem desenvolve um senso crítico que deveria ser fortalecido no ambiente escolar.

Partindo dessa vontade e necessidade de mudança, o pedagogo suíço Adolphe Ferrière, no fim do século XIX, fundou a escola novista. Ferrière enfatiza que o educador deve provocar e despertar a vontade de aprender da criança, além de ter autonomia pedagógica. Ele descreve:

Observar a criança, despertar nela as suas curiosidades, esperar que o interesse a leve a formular perguntas, ajudá-la a achar-lhes a resposta; gastar poucas palavras e apresentar muitos factos, fazer observar ao vivo, analisar, experimentar, fabricar, colecionar: deixar à criança a liberdade da palavra e da ação na medida compatível não com uma certa ordem aparente, mas com o trabalho real; esperar que a necessidade dum estudo neste ou naquele domínio se manifeste nitidamente no aluno; nada forçar para não provocar os seus “reflexos de defesa” que inibem cedo toda a ação progressiva espontânea; ser menos um professor e examinador que um “porteiro de espíritos”, menos um polícia que um bom juiz a que se recorre espontaneamente; ter uma alma rica de atividade própria, profunda, original, capaz de observar a serenidade e de se exprimir com sinceridade – eis o papel do educador moderno. (FERRIÈRE 1934, p. 191-192).

A ideia de professor facilitador, no qual o educando fica centralizado, tornou essencial a função da pedagogia no processo de ensino/aprendizagem. Seria necessário moldar os papéis no espaço escolar para que tais mudanças pudessem ocorrer. A partir desse pensamento, a escola teria um papel ativo e as crianças um

contato mais pontual com a sociedade a qual vivem, aprendendo sobre participação, trabalho e vida cotidiana. (TORRES 1994, p.20)

Os novos conceitos de escola surgiram e foram bem recebidos na Europa e na América do Sul, apoiados por grandes nomes como o do escritor Jean-Jacques Rousseau e dos pedagogos Friedrich Fröbel e Heinrich Pestalozzi. No Brasil, o precursor do movimento foi Rui Barbosa, polímata que atuou em áreas como a política e a educação, no ano de 1882. Esse modelo, também conhecido como Escola Progressiva, não só recebeu apoio de estudiosos da área, como também abriu portas para outros ideais que seguiam na mesma linha de pensamento progressista.

O exemplo escola renovadora, totalmente voltada para uma educação mais democrática e com um novo pensar pedagógico, foi a Escola da Ponte, localizada em Portugal. Tal instituição de ensino, criada em 1976, pelo pedagogo José Pacheco, se tornou um dos maiores exemplos de uma educação voltada para a autonomia e para o incentivo da busca de cada criança pelo seu conhecimento e aprendizado pessoal.

A Escola da Ponte surgiu com o princípio de que a escola deve se adequar à criança, e não o contrário. O instituto apresenta ótimos resultados e preza por uma educação democrática e igualitária. “Se há alunos com dificuldades de aprendizagem, também os professores têm dificuldades de ensino.” (José Pacheco - Escola da ponte)

Um pensamento que segue os princípios da Escola Ativa foi o dos Projetos de Trabalho, idealizado pelo filósofo e pedagogo John Dewey, que acreditava que a escola deveria ser não só um local para adquirir conhecimento, e sim, uma ampliação da sociedade, da comunidade. Tais projetos consistiam em uma nova prática educativa, no qual as crianças, com um estímulo para solucionar problemas, fazem relações entre a escola e a sociedade, nesse sentido, os Projetos de Trabalho se opõem aos conteudistas e autoritários presente nas escolas tradicionais. “A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.” (DEWEY 1990).

## **2. Projetos de trabalho**

### **2.1 - A Origem dos Projetos**

A educação por meio de Projetos de Trabalho foi um pensamento baseado nos estudos de um dos maiores teóricos da educação norte-americanos do século XX,



John Dewey. No início, foram considerados projetos os deveres de casa, por serem exercícios nos quais os alunos faziam fora da sala de aula convencional. Mais tarde se estendeu, tomando vários rumos e se apresentando de diferentes formas em estudos de pedagogos e educadores de todo o mundo.

Os projetos surgem como uma contraproposta daquela educação tradicional, autoritária e receptiva passiva. Ou seja, a partir de pesquisas e atividades propostas, apresenta ao aluno a escola como extensão da rua, da casa, da sociedade. Ela não só se baseia em conteúdos e matérias, mas preza por uma educação de mão dupla, na qual novas dúvidas e curiosidades vão surgindo a partir de estudos e pesquisas realizados pelos alunos, fazendo com que o processo de aprendizagem se prolongue.

Dewey, durante anos, desenvolveu estudos a partir da aprendizagem ativa. Tal aprendizagem começou a ser pensada no séc. XX e estimula a participação do aluno em sala de aula, na qual o professor faz uma aula menos expositiva e com mais propostas pedagógicas diferenciadas, incentivando a busca do educando por conhecimento.

"Se todos os instrutores percebessem que a qualidade do processo mental, e não a produção de respostas corretas, é a medida do crescimento educativo, algo dificilmente menos que uma revolução no ensino seria trabalhada".  
(DEWEY, 1938, P.207)

A educação tradicional, com seu viés hierárquico, apresenta falhas no processo de ensino-aprendizagem do aluno como ser social. A falta de práticas em grupos nas escolas fortalece ainda mais o individualismo das crianças e adolescentes, e os interesses dos docentes não são vistos com a relevância que deveriam. Para Dewey, "o conhecimento é um processo social, e por isso deve ser compartilhado".

Um dos pontos fundamentais a favor dos projetos é o fato de que o aprendizado não deveria ser decidido por especialistas da educação, e sim pelos próprios alunos e professores, visto que os estudos devem se basear de suas vivências e, fugindo de uma resposta única, criar novas perspectivas para entendimentos sobre as ideias que vão surgindo e para novos aprendizados.

Isso diz muito sobre a educação democrática de Dewey, um conceito que aparece não apenas em formato político, mas em como deveriam ocorrer as escolhas dos conteúdos a serem estudados e como se daria o aprendizado das matérias.

Os ideais de John Dewey passaram a servir de exemplo para vários educadores e pesquisadores em todo o mundo que apresentavam insatisfação em relação à forma como a educação era vista e aplicada em seus países. Nomes como o do educador brasileiro Paulo Freire e dos espanhóis Montserrat Ventura e Fernando Hernández, fazem parte desse grupo que procura implantar em sala de aula a liberdade de expressão e democracia que o filósofo apoiava.

## **2.2 - Fernando Hernández e os projetos de trabalho**

“Todas as coisas podem ser ensinadas por meio de projetos, basta que se tenha uma dúvida inicial e que se comece a pesquisar e buscar evidências sobre o assunto” (HERNANDEZ, 1998, p.13)

O que, segundo Hernández, o incentivou, foi provar que poderia se organizar um currículo escolar por questões e problemas que envolvessem os alunos, e que eles pudessem aprender a pesquisar. Partindo disso, a sustentação para tal pensamento vinha de uma situação problemática e a necessidade de querer levar adiante um processo de aprendizagem vinculado ao mundo exterior à escola e oferecer uma alternativa à fragmentação das matérias.

Uma das confusões surgidas a respeito dos projetos é “o que é um projeto de trabalho?”. Ou seja, como pode-se classificar um projeto. O principal ponto que deve ser entendido é que os projetos não são um método. O termo “Métodos de Projetos” foi usado primeiramente em 1918 pelo pedagogo William Heard Kilpatrick, que dedicou sua carreira à educação. São os métodos que estabelecem o que e como as coisas irão funcionar em sala de aula, ou seja, o que os alunos irão aprender, a forma como irão aprender e como os professores irão lecionar.

Os métodos são considerados fórmulas, técnicas que, na qual com sua aplicação o professor não ficará sujeito a insegurança em relação ao planejamento das aulas. Dessa forma, Hernández cita o porquê que os projetos não deveriam ser considerados um método:

- a) não há uma sequência única e geral para todos os projetos. Inclusive quando duas professoras compartilham uma mesma pesquisa, o percurso pode ser diferente;
- b) o desenvolvimento de um projeto não é linear nem previsível;
- c) o professor também pesquisa e aprende;

- d) não pode ser repetido
- e) choca-se com a ideia de que se deve ensinar do mais fácil ao difícil;
- f) questiona a ideia de que se deve começar pelo mais próximo (a moradia, o bairro, as festas, etc.) da mesma maneira que já não se ensinam primeiro as vogais, depois as consoantes, as sílabas, as palavras, a frase;
- g) questiona a ideia de que se deva ir “pouco a pouco para não criar lacunas nos conteúdos”;
- h) questiona a ideia de que se deva ensinar das partes ao todo, e que, com o tempo, “o aluno estabelecerá relações”.

### **2.3 - As avaliações nos projetos de Trabalho**

As avaliações são um dos grandes problemas pelos quais os professores passam. As notas são uma forma de classificar os alunos e, por meio de exames e provas, os estudantes são colocados em um ambiente de pressão, no intuito de “prepará-los” para o ingresso às faculdades e mercado de trabalho.

A discussão que aparece sobre isso é no que diz respeito à competitividade gerada nos alunos. Partindo dos estudos de Fernando Hernández e Montserrat Ventura no livro “A Organização do currículo por projetos de trabalho”, a avaliação deveria ser um processo de explicação e acompanhamento, voltada para o crescimento do aluno, e não para sua classificação a respeito de quais conhecimentos ele adquiriu em sala.

Algo que surge durante vários momentos é a relação entre teoria e prática, que é uma das maiores questões deste tipo de trabalho. Desde o princípio da Escola Nova, Dewey já colocava a prática como peça fundamental para a compreensão dos conteúdos pelos discentes, algo que pouco se vê acontecer nas escolas.

Uma das primeiras questões para o início da elaboração de um projeto é o tema que ele irá abordar e o porquê. Essa escolha muda a cada nível de escolaridade, porém, tanto nas classes mais iniciais, como nas mais avançadas, o tema deve ser escolhido aleatoriamente, mas sim por assuntos que fazem sentido e têm uma relação com aqueles alunos e com o espaço no qual fazem parte.

Segundo Hernández e Ventura, não existem temas que não podem ser abordados por meio dos projetos e uma vez que os alunos fazem parte dessa escolha, não quer dizer que os professores não possam sugerir temas que eles acham pertinentes para estudos.

Depois de decidido o projeto a ser feito, parte-se para a fase de como o tema será abordado e, em seguida, o que será tratado no trabalho. Por meio de um conjunto de atividades, os projetos podem se desenvolver de diversas formas, isso vai depender da proposta do professor e de quais assuntos os alunos trarão para serem alvo de pesquisa.

Fluxograma 1 - Sequência de síntese da atuação do professorado e dos alunos no Projeto



Fonte: "A organização do currículo por projetos de trabalho" (1998, pág.82)

Um dos momentos mais complexos do trabalho é a percepção dos problemas, que faz parte do aprendizado do aluno e é uma das formas do mesmo desempenhar seus próprios estudos. Muitos dos problemas vão surgindo das relações de ensino e aprendizagem e se conectando e solucionando muitos deles a partir de seus compartilhamentos, gerando ainda mais temáticas a serem trabalhadas.

Na finalização de um trabalho, a avaliação não consiste somente do que foi respondido pelos alunos, e sim considera-se todo o processo, as relações que aconteceram e o que foi tirado como aprendizado no decorrer do projeto. Fernando Hernández e Montserrat Ventura dissertam sobre quatro pontos a ser considerados:

1. O sentido da avaliação;
2. O valor da avaliação como parte do processo de aprendizagem;
3. A interpretação sobre significado principal da avaliação: a percepção sobre o que é uma resposta elaborada;
4. A confrontação com o resultado da avaliação da professora.

A escola é um lugar de interação entre aluno, sociedade e cultura, e será com base nessas relações que os alunos, e também os professores, vão modificando as experiências sociais de aprendizado. “O aluno aprende (melhor) quando torna significativa a informação ou os conhecimentos que se apresentam na sala de aula” (HERNANDEZ, p.31)

### **3. O estudo da arte nesses novos pensamentos em um contexto nacional**

A arte na escola é assunto que sempre vem à tona em pesquisas e artigos científicos até os dias atuais, como em discussões a respeito de como deve ser abordada e até mesmo da sua importância. De acordo com o livro “Arte como experiência”, de John Dewey, a capacitação do professor de arte é uma das questões mais importantes na escola. O censo escolar brasileiro de 2017, mostra a falta de incentivo e valorização por parte do sistema de ensino para com o professor de arte:

“Para os anos finais do ensino fundamental, o Indicador de Adequação da Formação Docente demonstrou que o pior resultado se dá para a disciplina de artes, já que apenas 31,5% dos docentes possuem a formação adequada para ensinar a matéria.”

Como mostrado pelo censo, a falta de capacitação de um professor de arte gera não só pendências no que diz respeito às notas escolares, como também na vida do aluno, visto que as artes visuais são importantes para o crescimento visual e cultural das pessoas.

No Brasil, o ensino tradicional é o mais utilizado. A partir de dados do Ministério da Educação - MEC, e da Universidade Norte Americana Central Connecticut State University, o Brasil é o país com a maior quantidade de alunos nas escolas, no entanto, com a educação considerada uma das piores do mundo. Sem contar que, de acordo com o censo escolar de 2018, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - Inep, 1,3 milhões de alunos abandonaram a educação básica nos últimos quatro anos.

A aplicação de projetos foi primeiramente apresentada para as ciências, visto que as práticas nessas áreas seriam com maiores informações e, com isso, de maior importância. No momento em que o estudo dos Projetos volta a tona, em 1998, ele é trabalhado pelas outras matérias ocasionalmente e com uma alternativa para sua expansão: utilizar oficinas e ateliês já trabalhados nas escolas e organizá-los em forma de Projetos.

O que tem se observado no ensino das artes é o foco dado ao estudo das obras de arte importantes no contexto histórico mundial. No entanto, a falta de motivação para o desenvolvimento criativo dos alunos é uma questão que deveria ser pensada. Partindo disso, escolas em todo o mundo já adotaram mudanças em seus currículos, voltando-se cada vez mais para estimular a criança para o pensamento e a criação de arte, além de ampliar o olhar e o senso crítico.

## **Conclusão**

Este trabalho possibilitou compreender como funcionam os projetos de trabalho e em quais contextos podem ser aplicados, dada a necessidade de inovação no contexto educacional atual. O tema projetos, apesar de seu surgimento no século XIX, é fator de suma relevância na busca de uma reestruturação do ensino no Brasil e no mundo.

Os moldes da escola tradicional se apresentam falhos no que configura o aluno como ser social. A falta de convivência e experiência, não só profissional, mas também pessoal, é algo a ser pensado para uma mudança no sistema educacional básico. O principal desafio é o quão disposto estão as instituições de ensino a iniciar uma verdadeira transição no sistema que já atuam. Questões como o currículo, o ambiente escolar e a forma como os professores são ensinados a lecionar seriam pontos principais a serem moldados.

Uma reestruturação no sistema educacional é necessária, para que um desenvolvimento social e comunitário no País seja possível. Partindo da ideia de reorganizar aulas e oficinas já existentes nas escolas, com intuito de aprimorá-las em projetos de trabalho, é uma das formas de dar início a este tipo de ensino, e desenvolver no aluno sua autonomia.

No Brasil, fica clara a falta de valorização da arte e do professor de arte, principalmente por parte do Governo. Uma mudança neste quadro deve começar de dentro das escolas. Contudo, grande parte desta organização só será possível se a forma como ensinamos mudar. O professor é um dos maiores focos para o início da utilização de projetos, pois é ele quem deve ministrar as aulas, dar liberdade e direcionar o aluno para o aprendizado.

Com base nesse cenário, a função dos projetos é fazer a escola se voltar ao interesse e necessidade de cada aluno, e dessa forma, partir para uma construção do conhecimento através das conclusões surgidas. Provindo disso, algo a se focalizar é na preparação dos professores, que passam a ser chamados “professores reflexivos”, aquele que questiona e contribui para o crescimento e desenvolvimento da criança.

Os projetos de trabalho podem ser alvo de muitas discussões e utilizado de diversas formas para que os alunos tenham cada vez mais prazer em adquirir conhecimento, e os professores se sentirem mais preparados, tanto para ensinar o que sabem, quanto para aprenderem junto. A instituição de ensino pode e precisa transgredir as barreiras da educação tradicional, e os projetos de trabalho são uma forma de fazer isso.



## **Bibliografia**

**“Transgressão e mudança na educação - Os projetos de trabalho” HERNÁNDEZ, Fernando.**

**“O Dilema das artes no Ensino Médio no Brasil” Ana Mae Barbosa.**

**“Pedagogias do século XXI – Jaume Carbonell (Do que falamos quando falamos de projeto de trabalho?)”**

**“Livro-Objeto a/r/tográfico - Práticas de Pedagogia Cultural na periferia de Brasília.” SASSO, Leísa.**

**Psicologia e currículo - Coll, César.**

**“William Kilpatrick e o Método de Projeto” MARQUES, Liliana, 2016.**

**ENSINAR E APRENDER ARTE NO ENSINO MÉDIO, DALMASO, Eunice Maria – UFMT; OLIVEIRA, Ana Arlinda – UFMT**

**“A Contribuição de John Dewey para a Educação”, Eliana Alves Pereira, Jackeline Ribeiro Martins, Vilmar dos Santos Alves, Evaldo Inácio Delgado**

**Entrevista com Fernando Hernández, Núcleo de apoio pedagógico (NAP) – instituto de Letras.**

**PRADO, M. Pedagogia de Projetos. Série “Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias” - Programa Salto para o Futuro, setembro, 2003.**

**BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. 1997. Disponível em:**

**<<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2016.**

**HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.**

**FERRIÈRE, Adolphe. A Escola Activa. Tradução de Domingos Evangelista. Porto: Editora Nacional de António Figueirinhas, 1934.**

**Censo Escolar 2018 - INEP**

**“John Dewey e o ensino da arte no Brasil” - Ana Mae Barbosa**

**Arte-educação no Brasil - Ana Mae Barbosa, 1999.**

**“A escola da ponte” - Rubem Alves, 2001.**

**<http://www.escoladaponte.pt/novo/projetos/>**